

A Imagem da Devoção de São Longuinho em Freguesia

Elam de Almeida Pimentel*

[pimentel01@oi.com.br]

Resumo

Trata-se de reflexões sobre a imagem de São Longuinho, localizada na Igreja de Nossa Senhora da Escada, no Bairro Freguesia da Escada, em Guararema, cidade que atualmente recebe ônibus repletos de fiéis e curiosos para visita à imagem do santo. Este texto constitui uma síntese de um dos capítulos da Dissertação de Mestrado “Um Estudo sobre a Devoção a São Longuinho”, apresentada ao PPCIR/UFJF em março de 2005.

Palavras-chave: Imagem; Imaginária Popular; Devoção; São Longuinho.

Résumé

Il s'agit des réflexions sur l'image de São Longuinho, située dans l'église de Nossa Senhora da Escada, dans un banlieue qui s'appelle Freguesia da Escada, à Guararema, ville qui reçoit actuellement beaucoup d'autobus remplis de dévots et curieux pour une visite à l'image du saint. Ce texte est un résumé de l'un des chapitres de la dissertation de maîtrise “Un étude sur la dévotion à São Longuinho”, présentée au PPCIR/UFJF en mars 2005.

Mots-clés: image; imaginaire populaire; dévotion; São Longuinho.

Introdução

Muitas das devoções católicas que começaram no meio do povo não encontraram respaldo na realidade histórica, podendo tratar-se apenas de mudanças de histórias transmitidas por gerações. Alguns santos são venerados

* Especialista, Mestre e Doutoranda em Ciência da Religião, PPCIR /UFJF.

independente de serem ou não canonizados pela Igreja ou de terem ou não uma história de vida piedosa.

Dentro desse catolicismo de devoção há cultos curiosos como o de São Longuinho. Em torno dele, existe muita devoção criada através do imaginário popular. Muitas pessoas recorrem a São Longuinho quando perdem algo, quando necessitam de alguma coisa e geralmente a promessa é paga com três pulinhos e/ou três gritinhos.

Através da internet, tomamos conhecimento da existência em Guararema, São Paulo, de uma devoção popular a São Longuinho, cuja imagem se encontra em um oratório localizado no altar principal da Igreja de Nossa Senhora da Escada, a qual está localizada no Bairro Freguesia da Escada.

No histórico sobre esta Igreja¹ consta que Escada era um aldeamento indígena que foi entregue aos Jesuítas e que estes, em 1652, ergueram a capela com a ajuda dos índios. Hoje, Freguesia da Escada, é um bairro de Guararema, local onde está ocorrendo uma irradiação da devoção a São Longuinho.

1 Imagens

A religião católica, única permitida oficialmente durante todo o período colonial até o advento da República, tinha em suas imagens o objeto de culto e veneração dos fiéis que para elas dirigiam suas preces. Segundo Eduardo Etzel, “as primeiras imagens do Brasil são portuguesas, vindas com os primitivos colonizadores”,² o que permite deduzir que as imagens religiosas brasileiras acompanham em sua cronologia a própria história do Brasil.

No Brasil, durante os dois primeiros séculos, à medida que se formavam núcleos populacionais, capelas e igrejas iam sendo fundadas pelos “religiosos”³ e imagens eram trazidas de Portugal. Segundo Etzel, “com o desenvolvimento da população brasileira, as capelas foram sendo absorvidas pelas casas-grandes, passando a ser um apêndice junto à residência e mais tarde uma capela da casa-grande, que foi o germe do generalizado costume dos pequenos oratórios

¹ Elam de Almeida PIMENTEL, *Um estudo sobre a devoção a São Longuinho*.

² Eduardo ETZEL, *Imagem sacra brasileira*, p. 31.

domésticos”.⁴ Com isto, houve uma procura por imagens religiosas e estas passaram a ser fabricadas no próprio território brasileiro. Os “religiosos” muito contribuíram na fabricação dessas imagens no período colonial. Etzel cita que os índios também participaram na fabricação dessas imagens: “com o evoluir da catequese, os índios foram induzidos a criar suas próprias imagens, o que foi feito por obra dos jesuítas”.⁵

À medida que o período colonial ia se desenvolvendo, chegou no Brasil um grande número de imigrantes devido às descobertas de ouro e diamantes, tendo ocorrido também um desenvolvimento paralelo no comércio de imagens sacras. Estas, que antes vinham de Portugal ou eram no Brasil feitas por ordens religiosas, tornaram-se insuficientes para atender ao comércio em ascensão. Etzel relata que:

o que antes era uma mercadoria religiosa de consumo tranqüilo passou a ser material de solicitação angustiante, pois a febre da mineração estava intimamente entrelaçada com a fé religiosa, a superstição e a preocupação com o destino no outro mundo. Daí as imagens representarem não só o socorro espiritual nas aflições, mas o amparo divino às esperanças de um abundante encontro com o ouro e o diamante escondidos na terra.⁶

Relata Etzel que, concomitantemente ao grande desenvolvimento da imaginária religiosa dos templos, o fervor religioso da população sempre crescente extravasou das capelas para as residências, tanto ricas quanto pobres, surgindo aos poucos a imaginária doméstica com as pequenas imagens adequadas aos oratórios.

Na medida em que as capelinhas e oratórios estavam presentes em todas as casas, mesmo nas mais humildes, acentuou-se a demanda de imagens de menor custo, que poderiam ser adquiridas pela maioria da população brasileira espalhada, isolada, longe dos grandes centros, onde nem sempre era possível a assistência religiosa por parte dos padres. Isto favoreceu o costume de se

³ Jesuítas, Beneditinos, Franciscanos e Carmelitas.

⁴ Op. cit., p. 32.

⁵ Id. Ibid., p. 35.

realizarem rezas puxadas pelos rezadores da roça. Etzel cita que, “paralelamente à devoção simples dos caboclos e conseqüente demanda de toda sorte de imagens de santos, surgia a resposta autóctone com o aparecimento dos santeiros populares, artistas que se lançaram ao trabalho sem cultura e por pura intuição. Estabeleceu-se, assim, pela própria evolução da cultura brasileira o advento da imaginária popular”.⁷ A respeito dessa imaginária, tecer-se-á breve comentário a seguir.

2 Imaginária popular

As imagens trazidas para o Brasil na época da colonização eram as imagens que estavam em uso no comércio da época em Portugal. Portanto eram imagens feitas segundo o estilo da época, o da Renascença. Segundo Etzel, na época, a questão de transporte não oferecia maiores dificuldades, já que as pesadas peças de barro passavam dos navios para as povoações junto da praça, onde se localizava a totalidade dos núcleos populacionais. “Agostinho da Piedade e Agostinho de Jesus, dois beneditinos, confeccionaram suas imagens em barro. Embora haja algumas também de madeira, o barro parece ter sido o material preferido na confecção das imagens dos primeiros séculos do Brasil”.⁸ As imagens de igrejas e capelas, conforme citado anteriormente, foram copiadas no Brasil pelos religiosos que vieram em missão. As imagens populares foram feitas por santeiros populares, artistas que confeccionaram as peças por intuição, sem nenhum aprendizado, ao contrário do santeiro erudito.

Estas imagens, feitas pelo homem do povo, geralmente são únicas, esculpidas uma a uma no barro ou na madeira, podendo ser parecidas, mas não idênticas. Etzel diz que “o santeiro é autodidata, pois suas peças são originais, próprias, espelham a personalidade do artista aliada à sua devoção religiosa. O

⁶ Eduardo ETZEL, op. cit., p. 41.

⁷ Imaginária popular: referente às representações de pessoas ou coisas pela pintura, escultura, desenho, etc... pequena estampa que representa um assunto religioso ou qualquer outro. Imaginária popular, terminologia usada por Eduardo Etzel para designar as imagens religiosas feitas pelo “homem do povo” (santeiro). Id. Ibid., p.42.

⁸ Id. Ibid., p. 49.

resultado é a criatividade insólita que dá à imagem popular a aura mística e esotérica que encanta o homem de hoje”.⁹

Outra característica das imagens populares é o anonimato. O santeiro, homem do interior, geralmente era tímido, vivendo talvez a alguns quilômetros de povoações, bairros ligados ao núcleo onde trabalhava. Na época, era uma pessoa que vivia em um círculo fechado, entre conhecidos, compadres e parentes. Suas imagens não entravam no mercado, não ficavam expostas em prateleiras. Foram feitas para uso próprio ou de conhecidos. Etzel relata que:

além do santeiro profissional, que vivia da criação de imagens e misteres afins (reforma de santos e preparo de ex-votos), muitos habitantes da roça faziam pequenas imagens para seu uso ou de uns poucos; artistas ocasionais que “pintavam” aqui e ali numa “reinação” que escondia por vezes vocações frustradas pela ausência de solicitações do meio, mas que deixaram peças de grande beleza que, aos poucos, se misturaram com as imagens dos santos profissionais.¹⁰

É característica também das imagens populares a falta de qualquer obediência às regras e às proporções requeridas pela arte erudita. Não existe assim nem época nem estilo nestas peças. Etzel cita que podem ter sido “inspiradas em imagens da época, sejam as rígidas do século XVII ou as barrocas do século XVIII ou ainda as neoclássicas do fim do século XIX, mas sempre filtradas pela personalidade e meio ambiente do caboclo (...)”.¹¹

Após as breves considerações sobre o histórico das imagens e características de uma imagem popular, apresentam-se reflexões a respeito das imagens de São Longuinho na Igreja de Nossa Senhora da Escada.

⁹ Id. Ibid., p. 70.

¹⁰ Id. Ibid., p. 68.

¹¹ Eduardo ETZEL, op. cit., p. 72.

3 Imagens de São Longuinho na Igreja de Nossa Senhora da Escada

Tomou-se conhecimento da existência de seis tipos de imagens de São Longuinho, a saber:

1. Imagem localizada no Vaticano, em Roma, representando um soldado romano.
2. Imagem localizada no Santuário de Bom Jesus de Matozinho, em Congonhas – MG, também representando um soldado romano.
3. Imagem de São Longuinho na figura de um soldado romano, em Guararema – SP.
4. Imagem de São Longuinho como monge, encontrada no comércio em geral e também apresentada na internet.
5. Imagem de São Longuinho, motivo da devoção em Guararema, localizada no altar-mor da Igreja Nossa Senhora da Escada.
6. Imagem de São Longuinho semelhante à do oratório, feita recentemente e colocada à venda na II Festa de São Longuinho no ano de 2004.

Estas imagens representam São Longuinho de três formas: como soldado, como monge, como uma pessoa comum. Existe uma interdependência entre essas imagens, sendo São Longuinho representado como soldado romano pela imagem do Vaticano, pela imagem do santuário de Bom Jesus do Matosinhos, em Congonhas – MG, e pela imagem de Guararema - SP, comercializada na Igreja de Nossa Senhora da Escada. As imagens em que São Longuinho é apresentado como monge ou franciscano são encontradas em diversos locais comerciais e na internet também para venda.

Na Igreja Nossa Senhora da Escada, encontram-se três imagens referentes a São Longuinho. No oratório localizado no altar-mor, conforme já mencionado, fica a imagem “achada”, cultuada pelos moradores e motivo da presença constante de visitantes, excursionistas, curiosos, devotos, enfim, motivo da devoção em Freguesia.

Localizadas em uma mesa, também no altar principal, observam-se as imagens de São Longuinho como soldado romano. Estas imagens, segundo informações de pessoas que zelam pela Igreja, foram feitas com a autorização do

padre, uma vez que São Longuinho era um soldado e “a imagem existente do santo no Vaticano simboliza um soldado romano”. Esta é a imagem vendida na Igreja com a autorização do padre. As pessoas que compareciam à Igreja, devotos, curiosos, começaram a solicitar uma imagem de São Longuinho para comprar, para levar para casa e assim surgiu a idéia de ser colocada à venda uma imagem de São Longuinho como “soldado”, uma vez que assim é a imagem do Vaticano – “São Longuinho como Guarda”.

Próxima à imagem do oratório, algumas vezes é encontrada uma pequena imagem que consta ser de São Longuinho como monge ou franciscano e que, conforme já relatado no tópico II da já referida dissertação de mestrado, é trazida à Igreja por devotos em cumprimento de promessas. Esta imagem, que contém a inscrição do vocábulo “profeta” gravada nela, em Freguesia, é vendida em uma lojinha próxima à Igreja. Na internet, ela também é encontrada e representa o esoterismo.

Em 2004, na Festa de São Longuinho, a imagem dele semelhante à do oratório foi colocada à venda após ter sido benzida pelo padre. A confecção desta imagem foi encomendada por um “político de Guararema”,¹² o qual afirmou que, há tempos, ele aguardava autorização do clero para fabricar tal imagem.

Ao ser entrevistado, ele relatou que pretendia comercializar a imagem na Festa de São Longuinho de 2004, o que se concretizou. Segundo ele, houve autorização do bispo para que a imagem fosse vendida, mas, antes, deveria ser “benta”.

A imagem do Vaticano tem um estilo mais erudito, semelhante ao das imagens clássicas da Igreja Católica. Já a imagem em Congonhas foi confeccionada no estilo barroco. A imagem do oratório, localizado no altar principal da Igreja de Nossa Senhora da Escada, apresenta um estilo mais popular, representando uma pessoa, diferente do estilo das outras imagens. O enfoque deste estudo é sobre esta imagem, a imagem do oratório, achada por moradores e motivo da irradiação da devoção a São Longuinho nos dias atuais.

¹² João Augusto Figueredo da Silva (Assessor da Secretaria de Cultura de Guararema / candidato a vereador em 2004).

4 A Imagem do oratório

A imagem de São Longuinho existente na Igreja de Nossa Senhora da Escada, em Guararema, não possui as pernas. O corpo e a cabeça são de madeira e o rosto é de argila. Os braços estão abertos, segurando uma ponta de lança na mão esquerda (perfurando a mão da imagem). A mão direita da imagem apresenta detalhes que se assemelham a cicatrizes. Segundo a tradição, é a mão da penitência, por isso, os machucados. Os braços são articulados, permitindo que a imagem possa ser vestida ritualmente para as celebrações religiosas.

A imagem fica em um oratório localizado à direita do altar principal. Encontra-se sempre vestida com roupas tipo veste, na cor branca, doações de fiéis. A Igreja possui um armário localizado na sacristia, onde ficam as roupas de São Longuinho. As roupas são bem-cuidadas por Dona Luíza Lemos (zeladora da igreja há 36 anos), que as guarda em cabides no armário trancado a chaves, junto com outros pertences do santo (bijuterias e jóias provenientes de doações). São vestes com detalhes em rendas, outras bordadas, com um acabamento bem-feito. A imagem possui roupas para uso diário, isto é, as que são colocadas nela durante a semana, independente de se ter missa ou qualquer outra comemoração na igreja. A imagem nunca fica sem vestimenta. Por ocasião de festas especiais, como a da Padroeira,¹³ a Festa de São Longuinho, a roupa colocada na imagem possui muito brilho, pois o santo assim gosta, segundo Dona Luíza: "São Longuinho gosta de muito brilho, não aceita outra roupa nestas ocasiões".

Em julho de 2003, primeira vez que estivemos em Freguesia, a imagem estava com uma veste bem comprida, com babados, muita renda na barra, manga e gola e a blusa com detalhes também em renda. Fita branca no pescoço com um crucifixo dourado. Para os dias de festa, a imagem possui uma veste mais curta, estilo bata indiana com bordados em pedrarias com muito brilho. No pescoço, um terço com pedras brilhosas é colocado. Na Festa de São Longuinho em 2004, estava com uma veste semelhante, porém bem mais curta.

O aparecimento da imagem de São Longuinho na Igreja é contado por Dona Luíza. Relata que Miranda, um vidraceiro e pedreiro, hoje falecido, e seu

¹³ Festa da Padroeira: Festa de Nossa Senhora da Escada, Santa Padroeira de Guararema, realizada no mês de novembro.

ajudante Antônio Matias acharam a imagem toda quebrada em um armário do tipo cômoda nos fundos da Igreja, local onde havia muitos entulhos e no qual há muito tempo não se fazia uma arrumação. Segundo ela, Miranda caçoou do santo e, naquele dia, à noite, não conseguiu dormir. Ficou acordado, vendo uma imagem do santo franzindo a testa para ele, apertando os olhos para ele. No dia seguinte, conversando com Antônio Matias, Miranda soube que este também não havia conseguido dormir pelo mesmo motivo. Então, ambos decidiram consertar a imagem de São Longuinho.

O depoimento de Antônio Matias é semelhante ao de Dona Luíza:

Era ajudante de marceneiro. Trabalhava com Miranda quando encontramos a imagem no fundão, dentro de um armário. Ela estava quebrada, os dedinhos partidos e já sem as pernas. Miranda falou: 'deixa isso aí, que coisa feia' e mandou colocar a imagem junto com as coisas que iriam para o lixo. Eu falei: 'e se for algum santo?'. Miranda respondeu: 'feio assim?' E começamos a rir, rir... Naquela noite, não conseguimos dormir. Miranda via o santo fazendo careta, apertando os olhos como se o chamasse. Cedinho me chamou e me contou que ficou acordado e ficou sabendo que eu também não dormi pelo mesmo motivo. Miranda falou: 'Vamos consertar o santo'. E assim fizemos.¹⁴

Dona Luíza relata que a imagem foi colocada no altar por ela. Até então, a imagem ficava na sacristia porque havia resistência por parte de algumas pessoas quanto à ida da imagem para o interior da Igreja. Este foi um período crítico de embate entre a zeladora e estas pessoas e, mais tarde, a zeladora resolveu levar a imagem para o altar, local onde se encontra atualmente com o consentimento da comunidade. O padre que está em Freguesia desde o ano 2000 (Geraldo Magela) não se dispôs com a comunidade, não questionou o fato de o santo estar no altar; atuando há mais de três anos em Freguesia, todos estão satisfeitos com ele.

¹⁴ Antônio Matias Vicente, 75 anos. Pessoa que achou a imagem de São Longuinho, junto com Miranda (hoje, falecido).

A imagem fica em um oratório, enfeitada com fitas coloridas no pescoço, terço, anéis nos dedos, presentes que os fiéis trazem para ela. Vasos e jarras com flores ornamentam seu oratório.

5 Reflexões sobre a imagem achada de São Longuinho

É a esta imagem popular, localmente achada e conhecida como São Longuinho, que os devotos e visitantes se dirigem com os pedidos e é a ela que atribuem os milagres.

Esta imagem está dentro das características de uma imagem popular. Não se tem, até o presente momento, conhecimento de outra imagem semelhante a esta, portanto ela é única, com exceção da imagem recente confeccionada como cópia dela. Não se sabe como a imagem de São Longuinho apareceu na igreja e quem é o seu autor, portanto, a característica do anonimato está presente.

O corpo e a cabeça são de madeira e o rosto é de argila, lembrando, assim, as peças da época da Colônia e do Império já citadas. A imagem não tem as pernas, as mãos são grandes e, no rosto da imagem, não existe semelhança entre as duas sobrancelhas. Conclui-se, então, que a imagem “achada” possui outra característica referente a uma imagem popular – não há obediência às regras e às proporções requeridas em uma imagem erudita. É uma imagem original em que o barro está presente. Provavelmente quebraram-se as pernas da imagem que foi encontrada toda destrocada. É uma imagem de “roca”.¹⁵

Não se pode apresentar conclusões a respeito da origem da imagem popular do São Longuinho da Freguesia, contudo levantaram-se algumas hipóteses com base em todo o material pesquisado e nas entrevistas realizadas.

1ª hipótese: A imagem poderia ter sido feita pelos índios.

Justificativa: Esta imagem poderia ter origem indígena, pois Freguesia foi aldeamento indígena e, como se viu anteriormente, Etzel cita que: “com o evoluir da catequese, os índios foram induzidos a criar suas próprias imagens, o que foi feito pelos jesuítas”.¹⁶

¹⁵ São imagens articuladas para que os devotos possam vesti-las.

¹⁶ Eduardo ETZEL, op. cit., p. 35.

No que tange aos dados históricos da Igreja Nossa Senhora da Escada,¹⁷ uma revista editada pela Prefeitura de Guararema diz: “o povoado foi surgindo, provavelmente com a presença dos jesuítas que, junto com os índios e colonos, construíram, em 1652, uma igrejinha, erguida em uma colina à beira do rio Paraíba – Nossa Senhora da Escada”.¹⁸

Outra justificativa para tal hipótese baseia-se na seguinte citação de Eduardo Etzel:

o barro foi tradicional no Brasil dos primeiros séculos, pois o índio soube utilizá-lo na confecção de seus utensílios domésticos. Nossos primeiros artistas sacros tiveram neste barro de manipulação usual, o material ideal para se lançarem nas tentativas de esculpir imagens, pois ele permitiu ensaios e até cópias com as facilidades que a madeira não teria proporcionado. Acresce que o preparo e a queima do barro eram de domínio do índio e seus descendentes.¹⁹

A Igreja Nossa Senhora da Escada passou por restaurações em 1945, 1947 e 1957. Segundo depoimento de Vicente Antônio Matias Nogueira, quando ele e Miranda encontraram a imagem, ela estava junto com muitos pertences da Igreja, num cômodo onde se achavam móveis, outras imagens de santos, bancos, enfim num local onde estavam objetos da Igreja guardados para que a Igreja fosse restaurada. Não soube informar a data exata. Disse que, na época, era “meninote”, tinha menos de 16 anos, não sabe ao certo. Considerando que, em 2004, ele está com 75 anos, pode-se inferir que, provavelmente, a imagem foi encontrada entre 1954 e 1957. Relata que a imagem estava com as pernas quebradas, os dedos partidos: “Eu era ajudante de marceneiro. Trabalhava com o Miranda. Encontramos ela lá no fundão, dentro de um armário, sem as pernas, com os dedinhos partidos”.

Pode-se dizer que a imagem inteira tenha sido feita de barro como o rosto é, mas, ao ser encontrada e estando com a cabeça, o corpo e as pernas

¹⁷ Elam de Almeida PIMENTEL “Um Estudo sobre a Devoção a São Longuinho” dissertação.

¹⁸ REVISTA em edição especial comemorativa do centenário da cidade de Guararema, p. 8.

¹⁹ Eduardo ETZEL, op. cit., p. 82.

destroçadas, algumas peças da imagem foram reconstituídas em madeira. Dona Luíza, em seu depoimento, diz: “Miranda encontrou São Longuinho todo quebrado”.

Esta imagem “achada” poderia ser então da época da construção da Igreja ainda, tendo sido uma obra artística dos índios, feita em barro e que permaneceu esquecida por muitos anos.

2ª hipótese: A imagem poderia ter sido feita pelo Santeiro Pituba.

Justificativa: Hipótese apresentada por Jurandir Ferraz de Campos, historiador, residente em Mogi das Cruzes, cidade próxima a Guararema, citado por alguns entrevistados como “a pessoa que conhece a história da imagem”.

Para ele a imagem está na Igreja desde a época de Pituba. Pituba é o apelido de Benedito Amaro de Oliveira, que foi um santeiro e que, segundo o historiador, viveu no Bairro Freguesia (1870). Morou também em Santa Isabel, próximo a Mogi das Cruzes e Guararema. Para ele, Pituba é o santeiro que fez a imagem de São Longuinho:

(...) é provável que a imagem de São Longuinho seja da autoria de Pituba. Vejo muita semelhança entre esta imagem e as demais.
(...) A imagem não foi achada, ela estava guardada junto com outros pertences da Igreja. Ficou esquecida como outras coisas também ficaram. A Igreja passou por um longo período em reformas, tudo encaixotado, até ser restaurada ... a imagem estava no fundo de um armário como outras coisas também estavam.²⁰

Etzel, em seu livro *Imagem Sacra Brasileira*, cita Dito Pituba como um dos santeiros populares que viveu em Santa Isabel – SP, apresentando uma imagem de Nossa Senhora do Rosário feita por Pituba, em barro e a cabeça de madeira: “provavelmente quebrou-se a de barro e o santeiro substituiu por uma de madeira”.²¹ Apresenta também “oratório feito por Dito Pituba, datado do século

²⁰ Jurandir Ferraz de Campos, historiador, Secretário de Cultura de Mogi das Cruzes em 2004.

²¹ Eduardo ETZEL, op. cit., p. 69.

XIX em Santa Isabel – SP”,²² semelhante ao oratório de São Longuinho que foi roubado e que se pode conhecer apenas por fotografia em preto e branco.

Outro depoimento que justifica esta hipótese é o de João Augusto Figueredo da Silva. Para ele a imagem foi feita por Pituba:

A Igreja passou por reformas, ocasião em que as imagens e as peças que estavam no altar foram guardadas. Após a reforma, as imagens e outros objetos voltaram para os lugares. Provavelmente esqueceram dessa imagem e ela continuou guardada até ser encontrada. Tudo indica que foi feita por um santeiro, que residia próximo à Freguesia, o Pituba. O rosto dela é de argila e o corpo e a cabeça de madeira. Ela é semelhante às imagens de Pituba.

As duas hipóteses e suas justificativas não têm, por enquanto, como serem comprovadas ou rejeitadas. Conforme já mencionado, não existe nenhuma documentação sobre a imagem na Igreja ou mesmo a respeito dos dados históricos de Freguesia e sua Igreja. Os autores estudados divergem em alguns pontos. Entretanto, a origem da imagem do oratório não é questionada pelos devotos de São Longuinho em Freguesia, uma vez que as relações desses devotos com o santo é que justificam toda a devoção lá existente.

Considerações finais

A Devoção a São Longuinho em Freguesia teve como fundamentação a imagem achada por moradores. A partir da descoberta dessa imagem, criou-se em Freguesia uma dinâmica em torno da devoção a São Longuinho. Lá, existem outras imagens de São Longuinho, mas a devoção se dá em torno da imagem do oratório.

²² Id. Ibid., p. 55.

Ressalta-se que, em Freguesia, não são a história, a tradição, a hagiografia que explicam a eficácia do Santo e sim sua “presentificação” na imagem popular, sendo São Longuinho essencial na vida de seus devotos.

Bibliografia

- BRANDÃO, Carlos Eduardo. *Os deuses do povo*. São Paulo: Brasiliense, 1980.
- ETZEL, Eduardo. *Imagem sacra brasileira*. São Paulo: Melhoramentos, 1979.
- IPHAN, documento nº MTSP 39.1-40 (folha IV), São Paulo.
- KEMPF, Frei Walter W. A aldeia de Nossa Senhora da Escada. *Vida franciscana*.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Unicamp, 1996.
- LOPES, José Rogério. Imagens e devoções no catolicismo brasileiro: fundamentos metodológicos e perspectivas de investigação. In: *REVER*, nº3, 2003. Disponível em: <<http://www.iesb.br/sipec/revista>>. Acesso: 23 maio 2004.
- MEGALE, Nilza Botelho. *O livro de ouro dos santos: vidas e milagres dos santos mais venerados do Brasil*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
- _____. *Santos do povo brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- PIMENTEL, Elam de Almeida. *Um estudo sobre a Devoção a São Longuinho*. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião). Juiz de Fora, 2005.
- REVISTA em Edição Especial Comemorativa do Centenário da Cidade de Guararema. São Paulo. Editada pela Prefeitura Municipal de Guararema, 1998.
- SAIA, Luiz. *Revista acrópole*, nº234, dezembro, São Paulo, 1965.
- SAINT HILAIRE, Augusto. *Segunda viagem à São Paulo e quadro histórico da Província de São Paulo*. Tradução: Afonso de E. Taunay. Biblioteca Histórica Paulista: Livraria Martins Editora, 1953.
- VALLA, Victor Vincent. *Religião e cultura popular*. Rio de Janeiro: DP e A., 2001.
- ZALUAR, Alba. *Os homens de Deus: um estudo dos santos e das festas no catolicismo popular*. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1983.